

## O vuco vuco da Feira de Campo Grande

O título foi sugerido por Ana Paula, uma das participantes da Feira Agroecológica de Campo Grande, e vem bem a calhar. A interação entre produtores e compradores é algo que chama a atenção logo no primeiro contato. O convívio semanal e a troca de experiências constantes fazem com que o grupo seja bastante unido e colaborativo. Os papéis dos envolvidos às vezes se confundem entre produtores, consumidores, organizadores e atuantes nas diversas atividades internas da feira e movimentos externos que dão suporte a ela. Muitos se denominam “amigos da feira” e contam que ali é como uma família.

Foi em 1999 que tudo começou. E já no seu surgimento ficou claro a pluralidade da feira, que contou com a participação de diversos movimentos para ganhar força. Muitos produtores orgânicos vendiam seus produtos em feiras comuns junto com os convencionais e, a partir dessa necessidade de escoamento, surgiu uma nova discussão no grupo. A pressão pela criação da feira veio com o pioneiro curso de formação em agricultura orgânica organizado pela ONG Roda Viva, que fez essa mobilização com os produtores participantes. A partir daí, a Agroprata (Associação dos Agricultores Orgânicos da Pedra Branca, com apoio também da Emater- Rio e Sindicato Rural deu início à feira em um espaço onde já funcionava a Emater.

A feira resiste desde então, sendo uma das primeiras feiras orgânicas do Rio de Janeiro e demonstrando a importância histórica de agricultoras e agricultores, movimentos sociais e agroecológicos da Zona Oeste do Rio, que apesar de sofrerem com o distanciamento e descaso do poder público, mantém uma atuação forte e constante na região, como conta a agricultora Madalena, uma das fundadoras:

*"Depois de pouco tempo que iniciou a feira, a maioria dos produtores desistiu porque a feira dava pouco dinheiro. E eu fiquei um tempo vindo sozinha fazer a feira e aos poucos foram chegando novos produtores. Foi uma mulher que resistiu para a feira não acabar e hoje poderemos comemorar mais de uma década de existência."*

Na Feira participam: Madalena e Arnaldo, com suas produções de bananas e caquis, fundadores da associação, com orgulho de sempre terem trabalhado na roça; Dalila, que já atuou no Conselho Municipal de Segurança Alimentar - CONSEA Rio, e presente com suas viçosas mudas de plantas medicinais e temperos; Irma e Pedro Paulo, com a barraca de pães; Silvia com o suco verde; Sonia, promovendo a alimentação viva; Zé Alberto com sua tilápia; Bruna e Luci com artesanato;; Paulinho, com sucos e muito noni; Sampaia e seu vinagre de banana; todos com muito orgulho de ali estar.

A Feira é tão ativa que os que ali chegam sentem-se chamados para colocar em prática novas ideias, surgindo histórias interessantes a serem contadas. Uma pessoa comprou pimentão sem agrotóxico, ficou encantada, e decidiu plantar as sementes em sua casa. Logo após sua primeira produção, levou o seu pimentão para presentear o produtor que lhe havia vendido. Outra plantou tomates (com sementes que vieram da feira) na varanda da sua casa, em um condomínio fechado, e logo chamou a atenção dos vizinhos para o fato de que é possível comer comida saudável mesmo com um espaço mínimo para plantar. E as histórias não param por aí...

Existem sempre atividades paralelas à Feira sendo desenvolvidas: tai-chi chuan; vivências culinárias, desde alimentação viva à oficina de sucos com crianças; diálogos sobre mudança das estações e sazonalidade; eventos para celebrar datas temáticas, como dia mundial da

alimentação, da água; do meio ambiente, do agricultor, do combate ao uso de agrotóxicos, etc. oficina sobre hortas, contação de histórias.

A feira está articulada e participa da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU), movimento social em defesa da agroecologia nas cidades. Toda essa movimentação foi abrindo caminho para que outra parceria fosse criada.

Em 2011 a Rede Ecológica deu início a entrega de produtos secos no local, e quem primeiro assumiu o grupo foi a Rede CAU iniciando sua presença na Feira. Estrearam como associação dentro do núcleo Recreio, e , depois de extinto, passaram para Vargem Grande. A partir de 2013 formaram o Núcleo da Rede Ecológica Campo Grande, de acordo com as regras da Rede Ecológica. Uma vez ao mês, os associados da Rede têm acesso a compras de arroz, feijão, fubá, geléias, pinhão, café e outros alimentos produzidos por agricultores familiares, sem agrotóxicos, trazidos de diversas partes do país. E se inserem na proposta de participação de cada associada(o), que viabiliza a auto-gestão da REde Ecológica. Assim, alguns dos produtores (temos 3 hoje) são associados(as), além dos consumidores.

Essa parceria é boa para os dois lados, já que os associados ao buscarem seus produtos acabam comprando e criando vínculos com a feira, e também é benéfica para a Rede, pois muitos clientes da feira ficam interessados na variedade de produtos que chegam uma vez por mês no espaço. A intenção de fortalecer a feira foi prioritária para a escolha do local de funcionamento do núcleo. Outro resultado positivo foi que consumidores mais afastados da Zona Sul do Rio, Niterói e até Itaipava, passaram a ter acesso às mudas de D. Dalila, sendo também fonte de renda para a produtora.

Os cestantes da Rede Ecológica são incentivados a participar das atividades da feira e promovem ações conjuntas, como a divulgação das campanhas XÔ Saco Plástico e Produtos da Gente, além de conversas com consumidores, muitas vezes através de Oficinas. Uma, que se voltou para a pegada ambiental (instrumento de diagnóstico de como nossas ações cotidianas impactam o planeta), teve como desdobramento o problema e interesse pela destinação e redução do lixo, encadeando a organização da oficina de compostagem.

Mas nem tudo são flores entre campo e cidade. Irma destaca que o trabalho dos agricultores precisa ser mais valorizado na sociedade. Muitos agricultores não têm noção de sua força e consideram que sua produção de alimentos é menos importante do que as profissões do meio urbano. Assim, seu trabalho quase não é reconhecido e fica cada vez mais difícil renovar a mão de obra da roça.

Sabendo disso, Madalena estufa o peito e faz questão de afirmar "Eu tenho orgulho de ser agricultora e produzir sem veneno. Nasci e me criei ali dentro da agricultura. Meu pai criou 7 filhos e eu criei 3 filhas, uma está aqui comigo, Alessandra, dando apoio na feira.

Assim a feira segue sua vocação, com muito orgulho e integração. Tudo isso na cidade do Rio de Janeiro, onde se diz que não tem mais agricultura. Viva a agricultura urbana, viva os agricultores e agricultoras que alimentam vidas!!